

**ARTE DE (SOBRE)VIVER E UMA POÉTICA DOS SENTIDOS PARA NÃO  
MORRER: LAVRA DO CAULIM EM JUNCO DO SERIDÓ-PARAÍBA E AS  
SENSIBILIDADES GARIMPEIRAS**

**Inairan Cristino Cunha**  
Mestrando em História – UFCG  
inairancunha@gmail.com

**Iranilson Buriti**  
Orientador – PPGH – UFCG

A atividade garimpeira é uma das mais antigas formas de trabalho e exploração da terra que existem no Brasil. Em Junco do Seridó, os primeiros traços de atividade mineradora remontam ao período entre as duas grandes guerras mundiais, quando se buscava matérias-primas para serem usadas na indústria bélica, a exemplo da xelita, berilo, tantalita, columbita, etc. Do final do século passado e, principalmente, na primeira década deste século<sup>1</sup>, ocorreu um *boom* da produção do caulim no município, principalmente, pelos vários usos<sup>2</sup> encontrados para esse material. Contudo, essa valorização e arrecadação não foram sentidas pelos garimpeiros das banquetas<sup>3</sup>, uma vez que, eles arcam com toda a despesa do processo de produção (ferramentas, material de segurança, alimentação, pagamento de outros trabalhadores) e pagamento ao dono da terra para explorá-la, a chamada *conga*<sup>4</sup>, uma porcentagem auferida sobre cada *carrada*, geralmente, dez por cento (10%).

Dessa forma, procurando ler a lavra do caulim e a vida dos *banqueteiros*<sup>5</sup>, por meio das sensibilidades fabricadas e consumidas neste e por este espaço de trabalho, as banquetas<sup>6</sup>, é que buscamos, nessa comunicação, dar visibilidade e dizibilidade aos sentidos desses trabalhadores enquanto construção histórica, pois, de acordo com a leitura de Durval Muniz<sup>7</sup>,

[...] a apreensão da natureza, do mundo se faz através daquilo que parece, à primeira vista, ser também um dado da natureza em nós, nossos sentidos. Mas nossos sentidos são educados, socializados, disciplinados, culturalizados por nossa condição de seres sociais e culturais. Nossa sensibilidade, nosso uso dos

sentidos se fazem desde já mediados por conceitos, por noções, categorias, imagens que são forjadas na vida social, são artefatos culturais e linguísticos. Nossa sensibilidade é histórica: o tato, o olfato, o paladar, a visão e a audição também são testemunhas de um dado tempo e de um dado contexto social...

Nessa perspectiva, os sentidos são importantíssimos para se ler a pedagogia das banquetas, “são fundamentais [...] para a construção de novas paisagens. Através deles, definimos fronteiras, estabelecemos proximidades e recuos entre os homens e as coisas que os cercam...”<sup>8</sup>. Ainda que não sejam percebidos pelos *banqueteiros* da mesma forma que percebemos nesta escrita, os sentidos estão presentes nessa territorialidade, subjetivados por eles no cheiro do caulim, na sensação térmica das banquetas, na socialização do almoço, no olhar da sua “profissão” enquanto perigosa e nos sons emitidos pela banqueta quando esta está ventando<sup>9</sup>, ou seja, rachando.

Por conseguinte, o olfato informa sobre os cheiros que estão em nossa volta. Segundo os *banqueteiros*, o caulim não tem nenhum cheiro, mas para quem não está acostumado com esse ambiente, tal mineral possui um cheiro de terra molhada misturada com raiz, é um cheiro forte, um agridoce... No *banquetão*<sup>10</sup> do “Alto do Chorão”<sup>11</sup>, o odor do caulim misturava-se ao da urina dos caprinos que se espojavam nele para descansar, quando os garimpeiros não estavam trabalhando. Sendo assim, há uma diferença entre o cheiro do caulim puro e o caulim sujo. Segundo Buriti<sup>12</sup>,

O **olfato** estabelece diferenciações entre a paisagem limpa e a suja, a cheirosa e a fedorenta. Ele nos informa sobre o ar puro, a poeira, a fumaça, o mau cheiro que emana de ‘pequenos charcos perto de sua casa’, do lixo e dos monturos, dos resíduos emporcados que são jogados próximos da residência e que agridem às novas sensibilidades... *grifos do autor*.

O cheiro também é utilizado pelos garimpeiros para a desodorização do ambiente. Quando eles sentem necessidade de urinar, procuram sair da banqueta ou fazer no caulim que está sendo retirado, para que o espaço do trabalho permaneça limpo. Caso fizessem suas necessidades fisiológicas em outro local dentro da banqueta e deixassem para retirá-las no outro dia, a banqueta, por ser abafada e de pouca ventilação, fica com um cheiro insuportável de podre, por isso, na maioria das vezes, quando precisam urinar e não tem como sair, eles procuram fazer no caulim já cavado e pronto para ser levado pela concha.

Observamos que o olfato defini o que é permitido e o que é proibido fazer no espaço da banqueteta, mas, eles também é instrutivo sobre a fumaça, o ar puro, a poeira. No *banquetão*, a fumaça que sai do gerador utilizado para fazer funcionar o rompedor é, quase, insuportável para aqueles que estão próximos ao lugar do qual ela emana. O fumar dessa máquina é tão forte que, para aquele estranho a essa paisagem olfativa, deixa-o sem ar, uma sensação só sentida por quem sofre de problemas respiratórios e senta-se perto de um fumante.

O olfato sente o ar puro, sente o “cheiro da chuva”, um cheiro gostoso para o povo do semiárido nordestino. Um cheiro de esperança que as primeiras gotas de chuva caíam logo para melhorar a vida nesses espaços, um cheiro que traz alegria, tomando conta do homem do sertão,

ao escutar as bâtegas caindo do telhado de sua casa, a primavera que se inicia em seu coração ao ver as vacas a fazerem escaramuças diante do pasto verde que vem nascendo, ser capaz de avaliar a preciosa sinfonia que é para os ouvidos deste homens o coaxar em unísono dos sapos nos açudes, o zurrar distante de um jumento numa noite sertaneja, a beleza inigualável de um céu carregado de nuvens escuras, a emoção provocada pela visão de um campo amarelecido pelos pendões loiros do milho<sup>13</sup>...

O “cheiro da chuva” é um cheiro “bendito” para o povo do semiárido, como o é, também, para os *banqueteiros*, visto que, além de (sobre)viverem no sertão e sofrerem com a falta d’água, no inverno o caulim é mais valorizado, devido a dificuldade em se produzir muito, por isso, os donos de decantamentos aumentam o seu preço com medo de não tê-lo para beneficiamento.

Por outro lado, o “cheiro de chuva” é um cheiro de pressentimento de acidente, é um cheiro que remete ao odor do medo, pois, sendo a chuva fraca, eles continuam trabalhando, embora os problemas aumentem, especialmente, para aqueles que trabalham nas banquetas de carretel<sup>14</sup>, porque a corda molha e fica, praticamente, impossível de utilizá-la. Mas, se a chuva for forte e abrejar, como eles dizem, aumentam os riscos de desabamentos das banquetas, já que escorre água para dentro das mesmas e, por isso, eles precisam aguardar a chuva parar para retirar a água empossada e recomeçar o trabalho.

Enfim, é o olfato construindo novas paisagens sensíveis, demonstrando como o *banqueteiro* é um sujeito que vive em um espaço fronteiro, pois, os cheiros que ele aspira como o da chuva, por exemplo, são um misto de alegria e preocupação, felicidade e medo, já que, se a seca é boa para produzir porque oferece menos riscos, o inverno é bom para ganhar dinheiro, embora seja mais perigoso. Ainda que esses trabalhadores afirmem que o caulim não tem cheiro, para o “estrangeiro” a essa paisagem, é fácil localizá-los em outros espaços, pelo rígido e embranquecido que fica nas roupas e pelo “cheiro de poeira molhada e mofo fresco...”<sup>15</sup> que emana do vestuário e dos corpos...

Outro sentido que podemos destacar no trabalho dos *banqueteiros* é o paladar. “O paladar se mostra um aliado na economia doméstica, na saúde das finanças, na prosperidade do corpo”<sup>16</sup>. Tal sentido faz parte das sensibilidades desses trabalhadores para a feira do garimpo, para o alimento a ser levado todos os dias, já que, nas banquetas de carretel cada um levava sua quantia para alimentação do dia, na maioria das vezes, menos do que um ser humano necessita para manter-se bem alimentado. E, nos *banquetões*, devido à quantidade de trabalhadores ser bem maior, chegando a sete ou oito pessoas, eles fazem uma feira mensal e, durante a semana, eles levam, individualmente, um quilo de alimento para complementar a feira e a “mistura” pro café da manhã, almoço e lanche da tarde.

O paladar conclama a economia doméstica, das finanças, não das donas de casa, mas, dos próprios *banqueteiros*, os quais procuram fazer uma “feira boa”, como eles afirmam, para casa, porque, desta, eles retiram a parte necessária para a alimentação diária nos *banquetões*. Dessa forma, atentamos, também, para o espírito da coletividade entre eles, uma vez que, embora cada um leve o seu alimento para o trabalho, ao chegar lá, dividem-no com os colegas, demonstrando o papel que cada ator desempenha na economia dos *banquetões* – o que é de um é de todos –, pelo menos em se tratando de alimentação.

Essa “comunhão” é sentida na “prosperidade do corpo”, permitindo que os trabalhadores tenham acesso a um café da manhã reforçado e diversificado, pois, uns trazem fruta, outros um bolo, mais outro um cuscuz com ovos e, chegando lá, colocam-se os alimentos na mesa improvisada, um pedaço de lona estendido no chão de terra batida, e, quem quiser, pega o alimento e se serve. Podemos dizer, assim, que é uma economia solidária, no caso da alimentação.

Além da alimentação, há uma divisão solidária das tarefas, cada um sabe o que fazer: um vai pegar a lenha para fazer o fogo, outro escolhe o feijão, um vai buscar água em outras banquetas abertas e, dessa forma, desenvolve-se o preparo dos alimentos e do almoço, ficando a cargo de ser cozinheiro o responsável pelo guincho, pois, está em cima, e, algumas vezes, o “caçambeiro”<sup>17</sup> ajuda nesse preparo.

Dessa forma, comer não significa, apenas, saciar a fome depois de muito trabalho, uma atitude fisiológica, mas uma arte cênica, na qual cada ator sabe o seu papel a desempenhar, sem precisar de alguém para dizer o que fazer, sem um diretor a organizar o ato e impor suas vontades, sua ordem. É nessa perspectiva que o caulim entra na alquimia do paladar. Como um químico ou um farmacêutico, os garimpeiros mais antigos utilizavam-se do mineral, principalmente o de veieiro<sup>18</sup>, que vem com mais goma, para realizarem suas práticas médicas. Eles misturavam um pedaço do caulim com água e, em seguida, tomavam um pouco dessa bebida para curar dores estomacais. Essa beberagem é muito parecida com o leite de magnésio que compramos para curar a azia, por exemplo.

Se o paladar não diferencia diretamente os *banqueteiros*, o faz de forma indireta, pois, a água bebida nesse espaço, para quem não está familiarizado, para o “forasteiro” da cidade, acostumado a tomar água filtrada ou fervida, ou, água mineral, seu sabor é, praticamente, idêntico ao seu cheiro, tem um gosto de uma beberagem com raiz dentro, trazendo uma impressão forte ao paladar, dando-lhe um gosto impar. Isso acontece porque a água retirada das banquetas de caulim vem “filtrada” pelas raízes da vegetação que estão entranhadas a esse mineral, uma espécie de filtro natural, surtindo efeito, assim, na água utilizada para beber. É uma água pura, limpa, armazenada em um pote de barro, como eles o fazem, juntamente com o frio constante da terra por causa do caulim, o que permite deixar a água sempre geladinha, mesmo não estando na geladeira...

Por sua vez, a audição, na banqueta, é conclamada com o propósito de vigilância. Ao escutar algum barulho mais forte, o *banqueteiro* fica em alerta, procurando identificar a natureza do som e o lugar de onde vem. Dessa forma, ele sai da banqueta e vai verificar se foi um desabamento de uma barreira, ou, se foi um estrondo provocado por um acidente numa banqueta próxima. A audição é utilizada, também, como um sentido de premonição, pois, ao escutar as paredes da banqueta chiando, isto é, estalando, já se sabe que o caulim

está ventando, está se soltando das barreiras e derrubando uns pedacinhos. Esses “torrãozinhos”, muitas vezes, podem ser um aviso de que a banqueta está próxima de desabar, visto que, na banqueta de caulim não existem rachaduras normais, quando ela começar a rachar é sinal que quer desabar e, para o *banqueteiro*, está na hora de sair de dentro para evitar um acidente mais grave.

Nesse sentido, a paisagem auditiva da banqueta é marcada por sons que são diagnosticados, em geral, somente por quem a vive, por aquele que já a subjetivou durante anos de (sobre)vivência nesse espaço, porque, as vezes, uma queda de terra, leva o garimpeiro do caulim a prestar atenção onde ela ocorreu, procurando, também, escutá-la, pois, podem ser sintomas para um desabamento maior. Dessa forma, a audição torna-se uma construção histórica, visto que,

os sons convocam o arquivo de imagens de espaços que temos em nossa memória, exigindo que os situemos para que façam sentido, para que ganhem um contexto de significação. A partir de um signo sonoro toda uma cena, uma paisagem pode se abrir à frente deste olho que se ausenta. Do som anônimo a um som singularizado, particularizado pela apreensão singular do ouvinte<sup>19</sup>...

Desse modo, um barulho estrondoso que, para os incautos ou não acostumados com as banquetas, pode ser algo insignificante e de pouca importância, para os *banqueteiros* já é um aviso de algo fora do contexto “normal” do seu trabalho. Eles percebem o barulho como sinal de alerta, porque os diálogos nesses espaços dos *banquetões* são curtos e rápidos, durante o período de trabalho, surgindo, em geral, quando é preciso dar alguma informação, como a posição da concha em relação aos trabalhadores e o aviso para o almoço e o café da tarde.

Entretanto, esse espaço não é silencioso, pois, além do barulho constante e muito alto do gerador, fato que obriga a quem estar o “pilotando” usar protetores nos ouvidos, há o barulho do vento na copa das árvores e nos arbustos, as conversas dos trabalhadores, quando estão nas refeições, os gestos comunicando para se aproximar ou se afastar, seguir adiante ou parar, demonstrando cansaço e dores, alegria e contemplação, preocupação e raiva, medo e autoconfiança.

Concernente à visão e o tato dos *banqueteiros*, esses sentidos são educados e subjetivados pela experiência, cotidiana e de anos nessa atividade, de ver e identificar novos espaços com vistas a cavar e, assim, encontrar o tipo de caulim a ser extraído daquele lugar: se esse mineral tem mais goma ou menos, se é duro ou mole. Essas percepções são muito importantes, porque, para o garimpeiro do caulim familiarizado com o seu espaço, não se pode chegar embaixo de uma barreira onde o material é mole e ir logo escavando, “emborcar túnel”<sup>20</sup>, pois, ele pode cair.

Procurando evitar essa queda de barreira, o *banqueteiro*, estuda o local a ser escavado, sendo o caulim mole, eles buscam não fazer túnel, caso o mineral seja duro, eles escavam, mas, sempre observando as paredes da banqueteta, isto porque, elas não possuem escoramentos artificiais, as vigas que as mantêm de pé são as lajes do próprio material, por isso, quanto mais duro for o veio, menos propícia ao desabamento fica a banqueteta.

Todas essas análises e preocupações são acompanhadas pelo olhar e pelo toque, disciplinados para qualificar e desqualificar, permitir e proibir a circulação, pois, a visão e o tato servem, também, para verificar se há rachaduras nas banquetetas ou se estão da forma como as deixaram no dia anterior, haja vista que, como foi dito acima, se o material for duro ele venta e se solta em forma de uma capa fina, e, ao analisarem essa rachadura, se eles verificarem que o trinco é mais profundo do que aparentava ser, ou o trabalhador procura tirá-lo, ou, como eles dizem, é melhor correr.

Dessa forma, a textura dos *banqueteiros* está em constante movimento. É o calor abafado embaixo da banqueteta, provocado pela falta de uma circulação maior de ar puro e pela respiração dos que estão lá dentro, levando-os a trabalhar de camiseta ou só de calção. Tal sensação de calor abafado pode ser contrastada com a fria, despertada pelo caulim. Isso é evidenciado no seu trabalho, posto que, eles começam embaixo da banqueteta com capacete, calção e camiseta, a medida que vão cavando e enchendo, vão suando, esse suor e a ausência de ventilação transforma o fundo da banqueteta em uma sauna natural, obrigando os garimpeiros a, praticamente, ficarem nus durante a sua jornada de trabalho. Essa atitude é tomada, muitas vezes, pelo *banqueteiro* do carretel, o qual deve “emborcar túnel”, tornando a respiração ainda mais difícil.

Enfim, os sentidos são as “armas” que os *banqueteiros*, esses guerreiros-homens, guerreiros-meninos, “super-homens” de carne e osso, batalhadores sem “cinto de utilidades” que os defendam, caso ocorra um desabamento. Trabalhadores do medo, porque o local é assustador – embaixo da terra, golpeiam-na cada vez mais forte e, acima, paredes enormes de rochas a vislumbrar esses garimpeiros, arrebrandando os seus “pés”. Trabalhadores da coragem, da astúcia, da atenção, para enfrentarem essa jornada, dia após dia, em busca do material que irá lhes alimentar, mas também, que poderá lhes enterrar com o seu “lençol” mineral, o caulim, reivindicando o produto retirado, corroborando com a máxima cristã: “do pó vieste e ao pó voltarás...”.

Considerando que as sensibilidades são conjunções do corpo e da alma, torna-se necessário, para o *banqueteiro*, subjetivar os conhecimentos adquiridos dentro do espaço da banqueta, para poder continuar sua vida. Faz-se necessário que o olfato identifique os cheiros bons e os podres; a audição esteja atenta ao estalar das barreiras e ao alarde do tombo de uma barreira ou de gente; o paladar socialize as conversas, as experiências e as intimidades; a visão e o tato sintam as mudanças climáticas de quente e frio, percebam os rachões e previnam a queda de barreiras.

Portanto, é nesse teatro, recheado de emoções, que seus atores – *banqueteiros*, paisagem, banquetas – encenam capítulos, nos quais sonhos e pesadelos intercalam-se em um cenário de vida e de morte. Onde o *banqueteiro*, possui uma arte de (sobre)viver, a qual os impulsiona, todos os dias, a sair de casa às quatro ou cinco horas da manhã e enfrentar um trabalho que lhes pode tirar a vida. Uma arte que não está, apenas, em um meio de (sobre)vivência, de conseguir os bens materiais, mas, também, no prazer que muitos demonstram na sua profissão, que representa coragem, vida e alegria...

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Segundo o Anuário Mineral Brasileiro, as reservas brasileiras de caulim são de 708.296.856 ton.. Na última década, houve um acréscimo de cerca de 13,1%. O consumo setorial de caulim no Brasil apresenta as seguintes participações: indústria de papel e celulose (46,7%), indústria cerâmica (33,2%), indústria de tintas e vernizes (8,3%) e outros (11,8%). Dentre esses, destacam-se os produtos farmacêuticos e veterinários, fertilizantes, vidro e borracha DNPM, 2009. Disponível em: <<http://www.dnmp.gov.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

- <sup>2</sup> Os principais usos do caulim são: produção de papel, tintas, cerâmicas, refratários, catalisadores, louças de mesa, peças sanitárias, cimento branco, borrachas, plásticos, adesivos, vidros, cosméticos, medicamentos e pesticidas. Dos citados, a indústria de papel é o maior consumidor desse produto, seguida pela indústria de refratários. Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas – *SBRT*. Disponível em: <<http://www.sbrt.ibict.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.
- <sup>3</sup> No município de Junco do Seridó, existem dois tipos de banquetas: as banquetas de carretel e os *banquetões*. São dois binômios para uma mesma atividade, a extração de caulim. Além desses modos, tem-se a produção em galerias de caulim, bem maiores que eles.
- <sup>4</sup> O pagamento da conga, como todo o trabalho no garimpo, é feito de forma informal, sem vínculos.
- <sup>5</sup> Em Junco do Seridó, os trabalhadores que escavam a terra, como toupeiras humanas, em busca de caulim para o seu sustento e o dos seus familiares, receberam a alcunha de *Banqueteiros*, palavra derivada de banquetas, para diferenciá-los dos garimpeiros de outras atividades mineradoras existentes no município, como por exemplo, os das pedras ornamentais e os das pedras preciosas.
- <sup>6</sup> Banqueta significa: Escavação mais ou menos profunda, conforme a natureza do terreno, para mineração. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda. Em Junco do Seridó-PB, são jazidas de caulim cavadas manualmente, em sentido vertical ou horizontal, fabricadas na natureza. São perfurações no solo que podem chegar a dezenas de metros, às vezes, até mais de cem metros. No local, a vegetação é limpa, devastada, para poder começar a sua escavação, a qual se inicia com picareta, no caso das banquetas de carretel, e com máquinas, no caso dos *banquetões*. Contudo, a perfuração com o uso da picareta é a mais comum no município, tanto nas banquetas quanto nos *banquetões*, devido às condições financeiras dos seus trabalhadores.
- <sup>7</sup> ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 113.
- <sup>8</sup> BURITI, 2011, p. 35.
- <sup>9</sup> Ventar: é quando tem uma camada de caulim sobre outra e ambas se desprendem, se abrem. Quando isso ocorre, o garimpeiro percebe, porque fica uma rachadura profunda.
- <sup>10</sup> São banquetas maiores. Sua entrada é mais larga, visto que, no lugar de se utilizar tambores de borracha, os garimpeiros fazem uso de conchas de ferro. Sendo assim, a produção é mecanizada, realizada a partir da utilização de guincho no lugar do carretel, apesar da profundidade, o sobe e desce da concha é sem parar. Ele possui, em média, uma largura de 4,00m por 15,00metros de comprimento, o que equivale a, mais ou menos, 50,00m de profundidade, e fica cercado pela vegetação nativa, devido a sua extensão na “boca”, é mais ventilado do que a banqueta de carretel.
- <sup>11</sup> Observação feita *in loco*.
- <sup>12</sup> BURITI, 2011, p. 35.
- <sup>13</sup> ALBUQUERQUE JR., 2008, p.88.
- <sup>14</sup> Nesse espaço, os trabalhadores acordam de madrugada e acendem velas embaixo, por causa da escuridão. A produção é menor, os garimpeiros utilizam-se de uma estrutura de madeira chamada de carretel e quando o veio atinge a pedra embaixo, a laje, eles costumam escavar horizontalmente até chegar ao limite do caulim. Depois, na busca de mais material, eles adentram novamente, na vertical, no coração da terra e, assim, até o limite das suas forças ou do caulim, isso é o que eles chamam de “emborcar túnel”. Já o carretel é uma estrutura madeira rústica, onde, no centro dos ganchos, eles colocam um tambor preto, para puxar o material do fundo da banqueta, ou, um pedaço de madeira para levar o garimpeiro até a base da banqueta.
- <sup>15</sup> CALVINO, Ítalo. *Marcovaldo ou As estações na cidade*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- <sup>16</sup> BURITI, 2011, p. 37.
- <sup>17</sup> Expressão cunhada por eles para os motoristas dos caminhões caçamba que fazem o transporte do caulim para os decantamentos.
- <sup>18</sup> Caulim de veeiro é o melhor caulim. É puro e parece com goma de mandioca, por isso, é mais caro e mais difícil de encontrar hoje em dia.
- <sup>19</sup> ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 116.
- <sup>20</sup> Expressão usada para se referir à construção dos túneis dentro da própria banqueta.

---

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira**: história, espaço e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível**: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império. Campina Grande: EDUFPG, 2011.

CALVINO, Ítalo. **Marcovaldo ou As estações na cidade**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Versão 5.0. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL. **DNPM**. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS. **SBRT**. Beneficiamento de Caulim: resposta técnica. Elaborado por: Luiz Rodrigues Pereira; Sândalo Salgado Ribeiro. Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais – CETEC, 2007. Disponível em: <<http://www.sbrt.ibict.br>>. Acesso em: 01 set. 2009.